

An aerial photograph of a winter forest. The trees are heavily covered in snow, and a road or path winds through the landscape. The overall color palette is light blue and white, creating a serene and cold atmosphere.

Um conto de
Renata Melo

PEQUENAS
Probabilidades

editora **buqui**

© Renata Melo 2021

Produção editorial: Vanessa Pedroso
Revisão: Editora Buqui
Imagem da capa: OlegRi (Shutterstock)
Design da Capa: Nathalia B. Ceconello
Editoração: Nathalia B. Ceconello

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M486a Melo, Renata
Pequenas Probabilidades [recurso eletrônico] /
Renata Melo.
1. ed. - Porto Alegre [RS] : Buqui, 2021.
recurso digital
Formato: epdf
Requisitos do sistema: adobe acrobat reader
Modo de acesso: world wide web
26 p.
ISBN 978-65-86118-84-1 (recurso eletrônico)
1. Ficção brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.
21-68634 | CDD: 869.3 | CDU: 82-3(81))

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

Todos os direitos desta edição reservados à

buqui Comércio de Livros Eireli.

Rua Dr Timóteo, 475 sala 102
Porto Alegre | RS | Brasil
Fone: +55 51 3508.3991
www.editorabuqui.com.br
www.facebook.com/buquystore
www.instagram.com/editorabuqui

PEQUENAS

Probabilidades



Estava um dia lindo de sol, a princípio, sem previsão de neve. Durante a metade do ano, a Lapônia permanece coberta por neve, com uma paisagem maravilhosamente branca. O local é uma área pouco povoada e faz divisa com a Suécia, Noruega e Rússia.

Léia estava hospedada em um resort de esquis e estava ali para ver a aurora boreal. Olhava através da janela para as paisagens subárticas, enquanto vestia as camadas de roupas, as paisagens refletiam seu coração no momento: gelado. Ali as lágrimas não escorriam por seu rosto, elas simplesmente congelavam.

Estava longe de casa há três meses, tinha feito uma pausa depois de finalizar sua residência em medicina em um ano de pandemia. Presenciou o melhor e o pior do ser humano. No auge da crise da saúde parecia que estava em uma guerra, os suprimentos escassos e, por um momento, pensou que o medo e o pânico poderiam vencer a sensatez e a solidariedade.

Premeditadamente, planejou essa viagem pelos países nórdicos antes de seguir para Copenhague, onde passaria o ano em um curso de epidemiologia.

Léia deixou o resort em um jipe preparado para a neve, os pneus cobertos por correntes. Guiaria o próprio carro por uma trilha que a levaria a uma das melhores vistas para ver a aurora boreal. Tinha pegado uma dica com um local, pois não queria uma rota turística. Colocou o mapa e

a mochila com água, uma garrafa com café, algumas barras proteicas e seu equipamento fotográfico. Olhou no banco de trás conferindo se a coberta que tinha separado estava ali, caso precisasse. A trilha tinha uma estimativa de tempo de meia hora até o local de destino, olhou as horas no relógio. O melhor horário de visualização da aurora boreal era das vinte e três horas até a meia-noite e ela ainda tinha uma hora, confortavelmente.

Ligou o som e seguiu ouvindo uma música clássica instrumental, orientando-se pelo mapa. Percorreu a trilha por cerca de vinte minutos, já considerando-a completamente deserta, quando avistou uma charmosa cabana com luzes acesas e sinal de fumaça. Um lindo caminho, cercado por árvores de um lado a outro da via, levava até a entrada.

Seguiu a trilha chegando ao local marcado no mapa.

A aurora boreal é um fenômeno da natureza que ocorre no polo norte da Terra. Além de emitir luz, o sol também emite os ventos solares, que estão repletos de partículas subatômicas carregadas de energia. E são essas partículas que provocam o fenômeno de luz quando entram em contato com os campos magnéticos do planeta.

Léia admirou o espetacular e extraordinário fenômeno de cores que a emocionou. Era tão mágico para ela poder estar ali que, percebeu que ao invés de questionar-se, de buscar respostas, às vezes, inexistentes, ela deveria seguir em frente e usar sua energia para ser uma partícula de luz para iluminar-se e impactar positivamente ao seu redor.

Ficaria ali por horas se pudesse, submersa no silêncio, sentindo a paz e a tranquilidade do local, mas era hora de voltar, os ventos estavam mais fortes anunciando uma possível nevasca e a temperatura tinha caído.

Seguiu pela mesma trilha, ligou os limpadores do para-brisa para retirar o excesso da fina neve que tinha começado a cair, quando foi surpreendida por um enorme cão dinamarquês. Foi ágil em frear o veículo para não atropelar o cão, mas as rodas, mesmo com as correntes, deslizaram, e a frente do carro caiu em uma vala.

O cão se afastou, sentou e ficou olhando para as luzes do farol, também assustado.

— Nossa que susto! — Disse colocando a mão no coração.

— Baldwin! Baldwin!

Léia ouviu alguém se aproximar e percebeu que estava próxima a cabana que viu na ida.

Um homem mais alto do que ela parou ao lado do cão examinando-o, depois aproximou-se do carro. Léia não conseguia vê-lo. Ele usava óculos de proteção, totalmente protegido, da cabeça aos pés, das baixas temperaturas.

O coração dela acelerou, estava em uma estrada deserta com um completo desconhecido em um ambiente inóspito.

Ele olhou a frente do carro onde a roda do lado do motorista estava afundada na vala na lateral da estrada. Bateu no vidro tentando ver o condutor. Léia abriu o vidro.

— Está ferida? — Olhou para a linda mulher.

— Em inglês, por favor. — Não entendeu o que ele falou.

— Está ferida? — Repetiu em inglês.

— Não. Seu cachorro está bem? Ele apareceu do nada na estrada.

— Sim. Seu carro será preciso rebocar, mas não consigo agora com essa nevasca. — Tinha baixado um pouco o casaco do rosto para falar e ela conseguiu escutá-lo. — Pre-

cisa descer e entrar comigo antes que piore a tempestade. — Viu o olhar de receio que Léia expressava. — Não se preocupe o Baldwin e eu não mordemos. — Forçou um sorriso.

Léia franziu a testa por não ter alternativas.

— Por favor, moça, precisamos entrar. Vai ficar tudo bem.

Ela desligou o motor do automóvel, pegou a mochila no banco do passageiro ao seu lado e desceu, cobrindo novamente o rosto com o capuz do casaco.

— Vamos, Baldwin! — O cachorro os acompanhou até a cabana.

Ele abriu a porta para ela entrar. O ambiente estava aquecido e era aconchegante. Olhando ao redor Léia observou a sala de estar, a cozinha integrada à sala, um pequeno corredor, provavelmente os quartos e banheiro ficavam ao longo desse corredor.

— Estava pegando mais lenha e Baldwin viu a luz dos faróis na estrada e correu. Desculpe-me. — Disse de costas para ela, tirando a roupa mais grossa que estava vestindo.

Léia observava os porta-retratos sobre o aparador da lareira, todos deitados, e se afastou um pouco mais dele, ficando no outro extremo da sala.

— Meu nome é Niels. E o seu? — Virou para olhá-la e Léia tinha tirado o capuz da cabeça e observava os porta-retratos.

Léia olhou para ele, impactada por sua beleza. Niels deveria ter mais ou menos a sua idade. Niels tinha os cabelos pretos e lisos em um corte moderno que deixava algumas pontas desuniformes. A barba estava crescendo e os lindos olhos azuis expressavam sua masculinidade. Ele tinha a pele bronzeada e sorriu para ela mostrando seu charme e dentes perfeitamente alinhados e brancos.

— Léia.

— O que estava fazendo nessa estrada? Está bem longe dos pontos turísticos. — Disse seguindo para a cozinha, pegando duas xícaras e enchendo-as de café.

— Eu sei. Não quis ver a aurora boreal dos pontos turísticos convencionais.

— Pode colocar suas roupas ali. — Apontou para uma cadeira próxima a porta.

— Obrigada. — Léia tirou-as colocando sobre a cadeira. Permaneceu calçada com suas meias, igual a ele.

Usava calça jeans e uma camisa de flanela por cima de uma fina camisa de mangas compridas, segunda pele.

— De onde você é? — Já estava diante dela entregando-lhe a xícara de café.

Baldwin deitou-se sobre o tapete próximo a lareira.

— Brasil. E você? — Notou que ele não tinha as feições daquela região.

— Dinamarca. — Estava com uma das mãos no bolso da calça jeans e a outra levava a xícara aos lábios para sorver sua bebida. — Sente-se, por favor. — Notou que ela estava apreensiva. — Normal ficar apreensiva, dada as circunstâncias.

— Obrigada. — Sentiu um pouco de alívio com o comentário dele.

— Amanhã consigo ter melhor visibilidade, guincho o seu carro da vala e poderá seguir seu caminho. Pelo que vi rapidamente, não tinha danos estruturais.

— Obrigada. — Ouviu um gemidinho de uma criança.

Niels colocou a xícara sobre a bancada da cozinha e seguiu pelo corredor entrando na primeira porta, voltando para a sala com uma menina no colo.

— Emy, temos visita. — Falou em dinamarquês e repetiu em inglês para Léia compreender.

Emy tinha menos de três anos e era uma linda garotinha dinamarquesa. Lembrava um pouco Niels.

A criança aproximou-se dela, observando-a com um olhar curioso, e Léia sorriu acolhedoramente para ela. Emy esticou a mãozinha e, quando Léia a tocou, percebeu a temperatura elevada. No instinto, colocou a mão na testa dela.

— Ela está doente? — Perguntou a Niels.

— Está. — Respondeu pegando o antitérmico.

— E a mãe dela? — Sabia que era uma pergunta muito pessoal, mas arriscou.

— A perdemos na pandemia. — Niels não queria falar sobre isso, ela era tão jovem, tinha uma vida toda pela frente, tinha sido tão inesperado que ainda não havia se recuperado.

— Eu sinto muito. Posso examiná-la? — Pediu. — Sou médica. — Reforçou.

Niels deu o antitérmico para Emy e consentiu que ela se aproximasse.

— Ela vai cuidar de você. — Disse em dinamarquês para Emy entender e, novamente, repetiu em inglês para Léia.

Léia colocou a linda garotinha no colo, fazendo gracinha para ela e foi apalpando os gânglios do pescoço, olhou os olhinhos e desceu apalpando o abdômen.

— Tem uma lanterna? Quero ver a garganta dela.

Niels pegou uma para ela.

— É a garganta, tem uma pequena inflamação. O que costuma dar para ela de antibiótico?

— Não sei... — Niels tinha um olhar perdido, mas aqui ficam os remédios.

Léia colocou Emy no sofá e o acompanhou até o armário. Franziu a testa quando viu as caixas.

— Vai ter que traduzir para mim.

Apontava para as caixas e Niels tentou traduzir para o inglês, mas remédios tinham um vocabulário específico e alguns não conseguiu traduzir.

— Já está dando algum desses para ela?

— Não, somente antitérmico. Planejava levá-la amanhã na cidade.

— Certo. Vamos dar esse por 5 dias de 8 em 8 horas.

Agora era ele quem estava em dúvidas de como proceder, se confiaria a saúde de Emy a uma completa desconhecida.

— Normal ficar apreensivo, dada as circunstâncias.

Niels sorriu ao ouvir o que a pouco disse a ela para encorajá-la a confiar nele.

— Obrigado. — Agradeceu pegando o remédio para dar à criança.

Emy correu até Léia e segurou em sua mão. Ficou olhando para os olhinhos tristes e a pegou no colo para afofá-la. Era tão triste perder a mãe tão cedo.

— Estão com fome? — Niels perguntou para elas, enquanto dava o remédio para Emy que permanecia no colo de Léia.

Depois a criança encostou a cabecinha no ombro dela e Léia a ninou caminhando pela sala.

— Você toma sopa? — Niels perguntou.

— Sim, obrigada.

Ele aqueceu o leite para Emy e entregou a mamadeira nas pequenas mãozinhas. Emy bebeu o líquido sem descer dos braços de Léia. Ficando lá até adormecer.

— Obrigado. — Disse pegando sua garotinha dos braços dela.

— A febre cedeu. — Comentou com ele.

Léia olhou mais uma vez para os porta-retratos deitados, comovida com a perda deles. Deveria ser difícil conseguir olhar para as lembranças.

Ele voltou do quarto e a serviu uma tigela de sopa. Léia sentou-se no banco apoiando os braços na bancada de frente para ele. Niels olhava nos olhos amendoados, admirando o quando Léia era charmosa, sensual e bonita. Tinha cabelos longos, loiros e lisos, com o formato em ondas. O sorriso dela tinha umas covinhas que ele se perdeu nelas nas poucas vezes em que ela sorriu.

— Está de férias? — Estava curioso para saber mais sobre ela.

— Sim, mas vou ficar esse próximo ano em Copenhague.

— A trabalho?

— Estudando. Você mora aqui?

— Não, minha irmã estava morando aqui com o marido que é da Lapônia. Eu vim somente buscar a Emy e organizar... enfim, o que precisa ser feito... — Desviou o olhar.

E, nesse momento, Léia entendeu que a mãe da Emy era a irmã dele e não sua esposa e sentiu-se horrível por ter ficado feliz com a notícia.

— E o pai da Emy?

— A Emy ficou órfã. Agora ela é minha responsabilidade. — Suspirou. — Foi tudo tão inesperado, mas ela tem a mim.

— Sinto muito. — Desviou o olhar, emocionada. As lembranças desse último ano que estava tentando esquecer ressurgiram.

Niels notou e, em um instinto em protegê-la, colocou a mão sobre a dela, mas logo recuou, julgando inadequado.

— Também perdeu alguém na pandemia?

— Meu ano de residência foi na pandemia.

— Posso imaginar que como profissional de saúde também não deve ter sido fácil. — Não era imaginação, uma vez que também atuou em projetos para minimizar os impactos da pandemia.

— Eu queria ter feito mais.

— Tome sua sopa, não está com uma cara boa, mas é gostosa.

Léia provou e sorriu para ele.

— Você fala alguma coisa de dinamarquês?

— Será um desafio, eu sei. — Sorriu. — Por isso, vim antes de começar meu curso, mas terá tradução simultânea para o inglês.

— E o que você faz? — Estava curiosa sobre ele.

— Conduzo alguns projetos na Organização das Nações Unidas, ONU. — Recolheu as tigelas, colocando-as na pia para lavá-las. — Em Copenhague. — Complementou, pensando em quais as chances de a conhecer em Copenhague ou ali aonde estavam?

Léia pensou que o fato dele trabalhar na ONU explicava o seu perfil em ser mais aberto por interagir e vivenciar culturas diferentes.

— Você pode dormir na cama do quarto principal. — Disse olhando através da janela a forte nevasca.

— Obrigada, mas não vou me sentir à vontade. Prefiro o sofá.

Niels entrou pelo corredor e retornou com um travesseiro e duas cobertas. Léia ajudou a organizar no sofá. Já

era madrugada, estavam cansados, mas sem sono, ambos, surpresos por estarem empolgados por terem se conhecido.

— Estou sem sono. — Disse ao deitar no sofá.

Niels sentou-se no chão apoiando as costas no sofá, e Baldwin aproximou-se deitando ao lado dele, apoiando a cabeça em seu colo.

Léia olhava para os dois e Niels sorriu para ela.

— Obrigada por me ajudar mais cedo com a minha pequena.

— Emy é um doce de menina.

— Qual curso irá fazer?

— Mestrado em Epidemiologia na Universidade de Copenhague.

— Então gosta de frio? — Sorriu.

— Não pensei no frio quando me decidi. — Colocou a mão no rosto, charmosamente, na percepção dele, lembrando as baixas temperaturas da região.

Niels riu e Léia sentiu-se atraída por ele.

Emy acordou e veio até eles. Esticou os bracinhos para Léia, que, novamente, se emocionou.

Léia sentou-se no sofá e colocou-a em seu colo. Verificou a temperatura da criança, que estava sem febre. Léia abraçou-a tentando acalenta-la.



O dia amanhecia.

— Emy tem sorte em ter você. — Comentou.

— Ela é tudo o que me restou da minha irmã. Espero conseguir cumprir esse papel bem... Não paro de pensar em como minha vida terá que mudar para inclui-la... Quero que ela fique bem.

— Tenho certeza que irá conseguir. — Sorriu, disfarçando a emoção. — Você tem alguém para lhe ajudar com ela? — Estava pensando se ele tinha uma companheira.

— Éramos somente eu e a Nova, minha irmã. Já tínhamos perdido nossos pais. E agora seremos eu e a Emy. — Niels encarava o lindo rosto, atraído por ela. Curioso para saber o que ela achava deles serem um pacote completo.

— Mas você deve ter alguém ao seu lado. — Não conseguia imaginar que um homem lindo como ele estivesse solteiro. Pensou que Niels poderia ser modelo se quisesse.

Ele sorriu.

— Desculpa, não quero invadir sua privacidade. — Antecipou-se, envergonhada.

— Estou solteiro. — Quis perguntar sobre ela, mas não adiantaria saber. Amanhecia e logo Léia seguiria seu caminho e eles também.

Niels não acreditava que duas pessoas de culturas tão diferentes pudessem dar certo. Ela teria que ficar em definitivo na Dinamarca para ficarem juntos. Ele não se imaginava levando Emy para morar em outro país, até porque tinha os avós paternos que concordaram em Niels ficar com ela, mas estarão presentes na criação da neta.

Niels levantou-se, olhando através da janela. Tinha muita neve na entrada da cabana.

— Seu carro está coberto de neve. Vou fazer um café. Depois vou retirá-lo da vala como prometi. — Disse, não querendo se despedir dela.

— Obrigada. — Abraçou mais forte a Emy que dormia em seus braços, também não querendo se despedir deles.

Léia levou a criança para o quarto e caminhou até a bancada da cozinha.

— Quer ajuda?

— Tudo bem.

— Quando volta para Copenhague?

— Depois de amanhã. E você?

— Fico no resort até o final da semana.

— Esses próximos dias serão espetaculares para esquiar.

— Estava aqui pensando... Que você é o único dinamarquês que eu conheço... — Sorriu quando Niels parou o que estava fazendo para olhar para ela. — Então, eu poderia ficar com seu contato, se não for incomodar, caso eu precise de ajuda. — Desviou o olhar, arrependida de ter feito a proposta a ele.

— Era exatamente o que eu iria propor a você. — Aproximou-se, lembrando-se dos amigos latinos, das conversas sobre relacionamentos em outras culturas e desejando beijá-la, mas conteve-se.

Niels utilizou o guincho da sua picape para retirar o jipe da vala e Léia poder partir.

— Obrigada.

— *Tak for i dag.* — Agradeceu a oportunidade do encontro com ela em dinamarquês e não traduziu.

— O que disse?

Sorriu. — Nada demais, um incentivo para aprender dinamarquês.

— Pode repetir, por favor?

— *Tak for i dag.*

— *Tak for i dag..* — Pronunciou no aplicativo de tradução que tinha instalado no celular e compreendeu que ele estava agradecendo pelo encontro. Por tê-la conhecido. O tradutor traduziu para o português.

— Obrigada. Posso vir mais tarde para ver como a Emy está e me despedir?

— Sim. — Sorriu, satisfeito. — Até mais tarde.

Niels esperou por ela naquela noite, mas Léia não conseguiu ir, teve uma forte tempestade que durou alguns dias e eles se desconstruíram. Nem o telefone dele ela conseguiu pegar.



Léia saiu da sala de aula organizando alguns livros.

— Léia, vamos! — Um grupo de duas mulheres e um homem a esperavam.

Quando Léia levantou a cabeça viu Niels encostado na parede com os braços cruzados.

Ela aproximou-se. — Niels! — Passaram-se quase três meses desde quando se conheceram.

Niels também se aproximou.

— Léia, você vem? — Uma das colegas perguntou.

— Podem ir, eu alcanço vocês. — Respondeu em dinamarquês mesmo errando a conjugação verbal.

— E a Emy? Como ela está?

— Ela está bem. Resolvi te procurar para saber como você está...

Léia o abraçou. Pensou que nunca mais o veria, e Niels ter ido procurá-la deixou-a feliz.

Niels a envolveu em seus braços, carinhosamente. Colocou uma das mãos na cabeça dela, a outra em sua cintura, deixando-a bem próxima dele. Léia tentou se afastar, mas ele a segurou mais um pouco. Sentia o calor do corpo colado ao seu e o delicioso aroma da fragrância do perfume dele, seu coração acelerou, surpresa pela iniciativa.

Ele a soltou, mesmo querendo beijá-la, querendo mantê-la em seus braços.

— Como está sua adaptação na cidade? — Perguntou em dinamarquês, controlando seus instintos.

— Tem que pronunciar mais devagar, estou aprendendo e não é fácil.

Niels sorriu, repetindo a pergunta mais devagar. — Entendeu? — Perguntou em inglês.

— Meu Deus, eu sou péssima... — Franziu a testa. — Não.

Repetiu a pergunta em inglês.

— Não está sendo fácil, agora que fiz algumas amizades, vocês dinamarqueses são muito fechados. — O provocou.

— Entendo o que quer dizer. Convivendo com colegas de outros países, devido ao trabalho, percebo o quanto somos diferentes.

— Queria te convidar para almoçar comigo e com a Emy.

— Agora?

— Pode ser outro dia, caso já tenha compromisso.

— Eu adoraria. Preciso somente avisar meus amigos.

Léia caminhou ao lado de Niels até a picape dele no estacionamento.

— Comprei uma casa pensando na Emy. Tinha que sair do apartamento de solteiro e dar mais espaço para ela brincar.

— Saudades dela. Sabe... eu fui até a cabana procurar por vocês após a tempestade, mas não estavam mais lá. Eu não tinha como te encontrar.

— Eu sei... Eu poderia ter te procurado antes, mas eu tinha tanto em que pensar e organizar minha vida com a Emy...

— Tudo bem, amigos não cobram um ao outro. — Disse, mesmo sabendo que não tinha parado de pensar nele e que seus pensamentos não eram de amizade, mas não teriam um futuro juntos.

Niels desviou o olhar ao ouvi-la, não querendo aceitar.

Abriu a porta da picape para ela entrar, ajudando com os livros.

— Vamos apanhá-la na escola e pensei em um piquenique, o que acha?

— Parece ótimo. — Sorriu.

Estava um lindo dia de sol.

Emy, assim que a viu, correu para seus braços e Léia se emocionou mais uma vez por reencontrá-la. Emy estava mais falante e Léia se esforçava para entender e responder, apesar do vocabulário da criança ser mais simples. Niels ajudou.

— O que acha de uma ajuda mútua? — Propôs a ela.

Léia olhava-o sem entender.

— Você me ajuda a decorar e a comprar os móveis da casa e eu e a Emy a ensinamos dinamarquês. O que acha?

Para o coração dela essa proposta era muito perigosa, mas ao mesmo tempo, queria aproveitar o máximo de tempo que poderia ter ao lado deles.

— Vai ser muito bom poder passar mais tempo com essa pequena. — Respondeu colocando Emy em seu colo, beijando-a enquanto ela ria.

Niels gostava como Léia demonstrava seu afeto por Emy e era generosa com ela.



Nas semanas seguintes, Léia ajudou-o a escolher os móveis para a casa. Niels os transportou e os montou, enquanto elas faziam os lanches, plantavam no jardim e brincavam com Baldwin. Léia também ajudou Niels a pintar e arrumar o quarto da Emy. Foram dias de diversão para os três.

A cada troca de olhar, a cada pequeno toque, a cada abraço, sentiam o aconchego da cumplicidade e a dificuldade em controlar a atração latente entre eles. Léia quase perdeu o fôlego quando Niels tirou a camisa pela primeira vez e ela observou o peitoral e o abdômen definidos. Quanto mais tempo juntos passavam, maior era o desejo em estar ao lado um do outro.

Era final de tarde e a casa estava linda e aconchegante. Léia estava mais desenvolta falando dinamarquês, o tempo de convivência com Niels e Emy a ajudaram com o vocabulário. Descansava em uma confortável poltrona quando percebeu que já era noite.

— Preciso ir. — Na última semana concluiu que não estava mais sendo saudável para ela estar com eles em todo o seu tempo livre.

— Por que não dorme aqui? — O quarto de hóspedes era confortável e fizeram para ela.

— Hoje eu não estudei e preciso me preparar para as provas.

— Então, eu te levo.

— A Emy está dormindo. Não precisa.

Niels já tinha decorado cada expressão dela e sabia que Léia estava tentando evitá-lo já há alguns dias.

— Eu te pego amanhã. — Afirmou acompanhando-a até a porta.

— Essa próxima semana eu vou dedicar para estudar. Depois das provas nos encontramos. Tudo bem? — Viu ele desviar o olhar. — Niels, o que nós estamos fazendo?

Aproximou-se mais um pouco e segurou na mão dela.

— Eu vou a um encontro. — Decidiu-se, mesmo preocupada com a Emy, mas precisava se afastar dele. Estava completamente envolvida, por isso aceitou o convite de um colega do curso que, desde que a conheceu, estava interessado nela.

— Acha que ele é o melhor para você? — Perguntou com uma voz sedutora.

— É um encontro Niels, não preciso casar com ele. — Disse frustrada, desejando estar nos braços dele. — Desculpa. — Fez uma pausa antes de voltar a olhar para ele. — Precisamos nos afastar... Diga a Emy que deixei um beijo para ela.

Niels não a soltou, era difícil abrir mão dela e ele a surpreendeu com um beijo apaixonado, cheio de pressa. Afastou-se para olhá-la, queria ver a expressão de Léia, mas foi a vez dela o beijar querendo mais. Então, parou de se conter, suas mãos sentiam o prazer reprimido de estar percorrendo o corpo dela, os seios, as nádegas, encostou-a na parede beijando-a do pescoço até os seios, mas sabia que era arriscado seguir adiante e correr o risco de perdê-la para sempre. Niels suspirou e parou, encostando as mãos na parede, uma em cada lado dela, falando em seu ouvido.

— Eu quero muito você na minha cama, nas nossas vidas, mas sei que não posso te prender na Dinamarca... E eu e a Emy não estamos prontos para perder outra pessoa que amamos.

Léia sabia que planejar o futuro era importante para Niels, principalmente, por Emy, mas, nesse momento, ela

só desejava sentir ele dentro dela. Sonhou com isso muitas noites e Niels acabou de mostrar a ela que poderia ser um homem quente.

Ela o beijou novamente.

— Eu quero você, Niels.

Niels também a queria e jogou para o alto sua sensatez, conduzindo-a até seu quarto, deitando sobre ela na cama.

— Te desejei desde a primeira noite na cabana. — Disse tirando a própria camisa e voltando a beijá-la. — Esse seu sorriso, com essas covinhas, é inesquecível. — Ajudou-a a tirar a blusa e passou as mãos sobre os seios dela, segurando-os com firmeza. — Você é linda.

Léia desabotoou o sutiã, tirando-o. Niels tirou a própria bermuda e a ajudou com o short, em seguida, voltou a ficar sobre ela, olhando-a, enquanto deslizou a mão por dentro da calcinha. Léia se contorceu de prazer, fechando e abrindo os olhos para olhar para ele. Beijou seus mamilos bem devagar, sem pressa, sugando-os, enquanto a outra mão permaneceu acariciando a parte íntima dela.

— *Jeg elsker dig*. — Disse eu te amo para ela em dinamarquês.

Estava surpresa com a atitude e ousadia dele, não imaginava que Niels pudesse ser tão quente e que a desejasse tanto quanto ela o desejava e que a amava.

Ele a penetrou e Léia o sentiu dentro dela, os beijos, o momento de intimidade, o cheiro dele eram tão embriagantes porque também o amava.

Léia vestiu suas roupas bem devagar para não acordá-lo. Olhava para ele, tão *sexy* dormindo, seu gato dinamarquês que a surpreendeu em todos os sentidos, mas ela precisava encontrar suas respostas, não poderia brincar com o coração dele, principalmente, com o coração de Emy.

Eram o pacote completo, um homem dos sonhos, uma menina linda e adorável e um grande cão dinamarquês, bobo e amável, nessa casa linda e aconchegante cheia de lembranças que construíram juntos nesse último mês, em um país que tinha um dos maiores índices de qualidade de vida e felicidade.

Qual era a probabilidade de acontecer algo assim? Mas foi tudo muito rápido e inesperado, ela não estava pronta. Léia teria que abrir mão do seu país, da sua cultura, aprender a conviver com as baixas temperaturas em um período mais longo e teria pela frente uma longa jornada para conseguir permissão para atuar profissionalmente ali.

Nos dias seguintes, Niels tentou falar com ela, mas Léia o evitou não atendendo as ligações. Respondeu as mensagens dele dizendo que estava bem, mas que precisava focar nos estudos para as provas. Então, ele resolveu se afastar, respeitando a vontade dela.



Léia acordou, sentindo falta de estar com eles. Era o aniversário de Emy e Niels a convidou para uma pequena comemoração. Ouvir a voz dele depois de algumas semanas a impactou. Estava tentando esquecê-lo e achava que teria sucesso, mas, quando ouviu a voz dele, percebeu que o que sentia era forte e intenso.

Seu curso estava chegando ao fim e seu tempo de permanência naquele país também.

Léia chegou à festa de aniversário, surpreendida em ver tantas pessoas. Niels convidou seus familiares, alguns amigos do trabalho e os pais e crianças da escola. Assim que Emy viu Léia correu para seus braços, beijando-a sau-

dosamente, foi quando percebeu o quão egoísta tinha sido, e era exatamente o que Niels tentou evitar, resistindo ao que sentia por ela.

Entrou na casa procurando por ele e encontrou-o na cozinha, conversando com um homem e uma mulher. A linda mulher estava com o braço apoiado no ombro dele, falando com intimidade em seu ouvido. Quando Niels a viu, foi até ela e abraçou-a, enterrando a cabeça em seu pescoço, e todo o corpo de Léia reagiu ao toque dele.

— Que bom que pode vir. — Sorriu, feliz por vê-la. — Já encontrou nossa pequena?

O “nossa” não passou despercebido para Léia.

— Ela está linda.

— Niels, pode vir aqui?

Virou para olhar para a mulher com quem estava conversando até Léia chegar. — Só um instante. — Voltou a olhar para a Léia. — Fique à vontade, conhece a casa. — Foi doloroso demais para ele a forma como ela o evitou.

Niels estava mais lindo, como se isso fosse possível, o cabelo e a barba estavam mais curtos e os olhos azuis enigmáticos, pelo menos Léia não conseguiu decifrá-los.

A linda mulher apoiou novamente a braço sobre o ombro dele e disse algo que ele riu ao olhá-la. Léia deixou o cômodo tentando afirmar para si que estava tudo bem em vê-lo com outra mulher.

Léia conversava com alguns pais das crianças da escola que teve a oportunidade de conhecer no período em que esteve totalmente presente na vida de Emy, quando a pequena a levou até seu quarto para mostrá-la os novos itens em sua cômoda. Dois porta-retratos, um com a fotografia dela com os pais e o outro com uma fotografia dela com Léia e Niels. Léia se emocionou, abraçando-a e beijando-a.

Niels estava na porta do quarto observando, mas Emy logo saiu correndo para encontrar-se com as outras crianças. Léia cruzou os braços e baixou o olhar, evitando-o.

— Me desculpa ter sumido.

— Ela sentiu sua falta, mas agora estamos bem. Vai ficar tudo bem. Amigos? — Estendeu a mão para ela, mas Léia foi até ele e abraçou-o.

Niels beijou o rosto dela e correspondeu ao abraço. — Você vem nos visitar e quem sabe quando ela crescer um pouco mais, nós vamos te visitar. Não quero que desapareça das nossas vidas.

Léia abraçou-o forte. O coração acelerado.

— Fico feliz que tenha seguido em frente. — Disse, mentindo para si que não estava com ciúmes.

— O quê?

— A mulher na cozinha.

Niels riu.

Léia franziu a testa.

— É uma amiga do trabalho.

— Com tanta intimidade?

Cruzou os braços feliz ao perceber que ela estava incomodada. — Solteiro e bonito, o que você espera? — Provocou-a.

— Vamos voltar para a festa. — Desconversou.

Léia ficou até o final para ajudá-lo a organizar tudo.

Niels colocou Emy na cama e voltou para a sala, aproximando-se de Léia.

— Obrigado pela ajuda.

— Melhor eu ir. — Disse aproximando-se para beijá-lo no rosto, mas Niels abraçou-a.

Em seguida, posicionou uma mão firme no pescoço dela, por baixo de seus cabelos, a outra em volta de sua cin-

tura. Movimentou suavemente o rosto com a barba deslizando sobre a pele dela, depois passou o nariz sobre seus lábios, incendiando-a propositalmente, mostrando o quanto a desejava, então a soltou.

— Melhor você ir.

Porém agora Léia queria mais, queria sentir ele dentro dela outra vez. Então o beijou, segurando com as duas mãos o rosto dele. Niels a levantou, ela se posicionou sobre ele. Correspondia ao beijo, subindo a saia dela e colocando as duas mãos por dentro da calcinha apertando as lindas nádegas.

Niels deitou sobre ela, beijando seus lábios, em seguida, desceu retirando a calcinha e a fez se contorcer de prazer até alcançar o clímax com seus lábios. Léia ansiava por ele.

— Não quero que se arrependa e desapareça novamente. — Disse já sobre ela, falando em seu ouvido. — Eu sei o que eu quero. Eu quero você como minha esposa, mas o que importa é o que você quer e não posso interferir.

— Eu não vou mais desaparecer. — Olhava nos olhos azuis. — Eu quero ficar com você e a Emy. Eu te amo, meu gato dinamarquês. — Disse em voz alta pela primeira vez.

— Seu gato dinamarquês? — Niels sorriu feliz, pronto para amá-la e não deixá-la sair mais de seus braços.

— Sim, mas vamos precisar de ajustes na sua conduta em relação as suas amigas do trabalho. — Brincou feliz por estar ali com ele e por Niels ser uma deliciosa caixinha de surpresas.

Ele riu satisfeito. — Estou pronto para qualquer coisa desde que estejamos juntos. — Beijou-a louco de desejo.

www.escritorarenatamelo.com.br

 [escritora_renata_melo](https://www.instagram.com/escritora_renata_melo)

 [escritorarenatamelo](https://www.facebook.com/escritorarenatamelo)

buqui

www.editorabuqui.com.br